



**Mulheres Periféricas:
Militância e Luta na
cidade de São Paulo**





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan

Vice-Reitor Antonio Carlos Hernandes



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-Reitora Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitora Adjunta Margarida Maria Krohling Kunsch



Biblioteca Brasileira *Guita e José* **Mindlin**

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Diretor Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron

Vice-Diretor Alexandre Luis Moreli Rocha



COORDENADORES

Alexandre Macchione Saes

Antonia Terra de Calazans Fernandes

EQUIPE 3 VEZES 22

Bruna Martins, Franklin Pontes,

Giovane Direnzi, Guilherme Dvulactha,

Leticia Scupinari, Norberto de Assis e

Stephany Barbosa

EQUIPE LEMAD-USP

Adriano Sousa, Isabella Oliveira Cafer,

Luísa Klautau Corrêa da Silva e Mariana

Meneses Fernandes

CAPA

Norberto de Assis

ARTE E ILUSTRAÇÃO

Norberto de Assis

DIAGRAMAÇÃO

Norberto de Assis

REVISÃO

Adriano Sousa, Isabella Oliveira

Cafer, Luísa Klautau Corrêa da Silva e

Mariana Meneses Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE

Norberto de Assis

CURADORIA

Adriano Sousa, Isabella Oliveira Cafer, Luísa

Klautau Corrêa da Silva e Mariana Meneses

Fernandes

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Rua da Biblioteca, 21, Cidade Universitária, São Paulo, SP CEP 05508-065

bbm.usp.br/publicacoes EMAIL bbm@usp.br TEL: 11 2648-0310 / 11 3091 - 1154

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Endereço: Avenida Professor Lineu Prestes, 338 - São Paulo/SP - CEP: 05508-000

Secretaria: (11) 3091 0308 / (11) 3091 0298 - Funcionamento: 09h às 21h (flh@usp.br)



Apresentação



O que são as datas?...

Datas são pontas de icebergs...

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos dos personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e números. (...)

BOSI. O tempo dos tempos. NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19.

1822, 1922, 2022...

3 vezes 22... são datas que interligam tempos e acontecimentos demarcados por relevâncias históricas. Alcançar os 200 anos de formação de um Estado nacional é certamente um relevante marco para produzir necessárias reflexões sobre sua trajetória constitutiva e sobre o que se almeja como futuro. No dia 7 de setembro de 1822 o Brasil declarou sua Independência de Portugal, iniciando o projeto de construção de uma sociedade autônoma politicamente, mas sem conseguir romper com todas as profundas raízes de seu passado colonial.

Por sinalizarem pontos no tempo, as datas podem ser preenchidas com as mais diferentes vivências e recordações, revistas em seus significados, questionadas em suas atribuições. É nesse sentido que o projeto 3 vezes 22, constituído na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM, da Universidade de São Paulo, parte das datas dos eventos com o objetivo de produzir conteúdo e iniciativas para estimular análise crítica em torno dos contextos das celebrações do bicentenário da Independência do Brasil, do centenário da Semana de Arte Moderna e da projeção de futuro delineada para 2022.

Os Kits 3 vezes 22 foram produzidos em conjunto com o Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD, do Departamento de História da USP. O material incorpora documentos históricos de diversificada tipologia (cartas, pinturas, jornais, imagens, mapas, entre outros), um texto de orientação e contextualização direcionado ao professor e sugestões de questões para serem trabalhadas com os/as estudantes. Os kits oferecem, nesse sentido, material didático para docentes e estudantes com propostas para interpretar e intervir no debate envolvendo as celebrações de 2022.

Por meio da documentação primária, selecionada a partir de indagações históricas contemporâneas, os alunos poderão entrecruzar as temporalidades de 1822-1922-2022, confrontando as continuidades e rupturas de diferentes vivências na sociedade brasileira; terão oportunidade de confrontar versões canônicas da história do Brasil com eventos negligenciados por nossa memória coletiva; e, enfim, serão convidadas a fazer aproximações com experiências de vida de personagens e de suas produções, que são pouco conhecidas, mas que contam histórias valiosas, de como suas ações no passado projetavam alternativas para o futuro.

Em suma, os Kits 3 vezes 22 se inserem na preocupação de nossa historiografia de reescrever a história do Brasil, incorporando personagens, eventos e, acima de tudo, projetos de país suprimidos nos últimos duzentos anos. Ao problematizar a narrativa da história do Brasil e ao expandir e complexificar os olhares sobre nosso passado, acreditamos que abrimos um campo para a protagonismo dos/das estudantes que podem se apropriar do processo de construção do conhecimento, como de intervenção do nosso processo histórico.



Leitura dos documentos

Nas décadas de 1970 e 1980, há o surgimento de diversos movimentos sociais de bairros nas grandes cidades do Brasil, organizados em decorrência das precárias condições de vida neles existentes e por conta dos laços comunitários entre seus moradores. Os principais objetivos eram a luta por direitos básicos - como saúde, alimentação, educação - e, dado o contexto histórico, a reivindicação pela redemocratização do país.¹ Os integrantes desses movimentos eram cidadãos que se articulavam, e ainda se articulam nos dias de hoje, das mais diferentes maneiras, para pressionar as instâncias de poder e fazer com que suas pautas sejam atendidas.

À frente da organização desses movimentos estavam as mulheres periféricas que desempenhavam diferentes papéis: os de mães, filhas, donas de casa e trabalhadoras, além de vivenciar cotidianamente as dificuldades oriundas da sobrevivência nas periferias. Partilhando tais adversidades, solidariedade e união, mulheres transformaram suas ações em atitudes importantes de construção de redes de apoio e lutas, que deram origem a movimentos populares.

Este kit procura evidenciar a participação e atuação dessas mulheres na organização de movimentos sociais ao longo da história, desde o período militar até os dias atuais. A seleção e organização dos documentos pretendem contextualizar o surgimento de alguns movimentos populares e valorizar, a partir de relatos individuais, a participação e atuação de mulheres e a solidariedade presente nas comunidades. Além disso, sugerem que os estudantes observem seu próprio cotidiano, identificando os exemplos de luta e solidariedade das mulheres de sua convivência e refletindo sobre a importância da militância em busca de uma sociedade mais justa.

O kit inicia com um texto publicado por Jéssica Moreira no site *Nós, mulheres da periferia*. Neste documento, a autora destaca a solidariedade existente entre as mulheres que, durante a pandemia, ajudam a comunidade entregando marmitas e cestas básicas. Além disso, destaca que essa solidariedade feminina não surgiu recentemente, mas existe desde sempre.

O **documento 2** é uma reportagem sobre a ONG Maria&Sininha liderada pela assistente social e militante,

Luciana Bispo. A ONG desenvolve trabalhos de assistência social e educação social com foco nas crianças e adolescentes do Jardim Mata Virgem, localizado no bairro Eldorado, Zona Sul de São Paulo.

O **terceiro documento** é uma reportagem sobre projetos sociais protagonizados por mulheres que acontecem no Jardim Miriam. Durante a pandemia do Coronavírus há a criação do projeto *Agentes Populares de Saúde* desenvolvido no território em questão pela *Uneafro-Brasil* (movimento negro de educação popular) junto ao *Núcleo Pagode na Disciplina* (comunidade de samba do bairro). Todos esses projetos desenvolvem ações para auxiliar as comunidades e minimizar de alguma forma os impactos da pandemia. As autoras da matéria, Letícia dos Santos e Luana Vieira, são algumas das mulheres que participam dessas ações solidárias.

O **documento 4** é constituído por depoimentos de mulheres participantes do Clube de Mães e do Movimento do Custo de Vida (MCV), também conhecido como Movimento Contra a Carestia (MCC). Foi considerada uma das maiores mobilizações populares dos anos 1970 e 1980, durante a ditadura militar brasileira. Nos textos, as mulheres relacionam o aumento dos preços com a criação dos Clubes de Mães e, posteriormente, com a organização do MCV.

O **quinto documento** é o depoimento de Lurdes, uma das mulheres pertencentes ao Clube de Mães. Ela relata sua entrada no grupo e o seu

cotidiano, destacando a felicidade em participar dos piquetes que eram realizados. Além do depoimento, há duas fotografias de dois Clubes de Mães: o do Jardim Esther e o da Vila Remo, localizados na Zona Sul de São Paulo.

O **documento 6** consiste em um abaixo assinado promovido pelo *Movimento pelo Custo de Vida*, no ano de 1978 e que contou com 1.300.000 assinaturas. O documento foi direcionado às autoridades máximas do Estado Brasileiro - entre elas o Presidente da República e os ministros -, reivindicando a resolução dos problemas acarretados pela alta dos preços e o direito de participar das decisões que seriam tomadas. O abaixo assinado representa a amplitude alcançada por um movimento inicialmente organizado por mulheres da periferia.

O **documento 7** relata a experiência de Graça, que destaca as péssimas condições de saúde em São Mateus. Ela, junto a outras mulheres, estiveram presentes na organização do Movimento de Saúde (MS) da Zona Leste de São Paulo, que também surgiu durante o contexto da ditadura militar.

O **documento 8** é o depoimento de Orlanda, mais uma participante do Movimento de Saúde e que relata a dificuldade que uma caravana de mulheres enfrentou para falar com o secretário de saúde e exigir melhores condições de atendimento.

O **nono documento**, o último referente ao Movimento de Saúde, é um

panfleto que aponta as conquistas e as atividades que ainda seriam realizadas pelo MS. Destaca-se nesse documento, mais uma vez, a atuação das mulheres organizando caravanas para manifestações em outras localidades, como em Minas Gerais e Brasília.

O **documento 10** dá início a uma outra faceta da militância das mulheres da periferia. É uma reportagem que retrata o massacre no mês de maio de 2006, no estado de São Paulo, que foi responsável pela morte de pelo menos 564 pessoas e que ficou conhecido como Crimes de Maio. São apontados como os promotores dos assassinatos os agentes de segurança do Estado de São Paulo.

Como **documento 11** temos o depoimento de Débora, uma mãe que perdeu seu filho no massacre de maio de 2006. Depois da descoberta do assassinato, ela procurou outras mães que também haviam perdido seus filhos e organizaram o movimento *Mães de Maio*.

O **décimo segundo documento** é uma carta das *Mães de Maio* à presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2012. No texto, as mães denunciam a violência do Estado direcionada às populações pobres das periferias urbanas, principalmente em relação aos jovens negros. As mães reivindicam o fim da violência e o direito à vida e segurança das pessoas da periferia. A carta representa, novamente, a preponderância de movimentos organizados por mulheres em busca de melhores condições de vida, saúde e segurança, mobilizando-se e levando suas pautas à presidência da República, o mais alto escalão da política brasileira.

Como podemos notar, a militância feminina das periferias perpassa as décadas e continua atuante nos dias de hoje. As pautas e lutas não se esgotam, mas vale lembrar, “a solidariedade feminina nas margens existe desde sempre”² e continuará existindo e resistindo.

Notas

1. D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 1, n. 39, p. 19-36, mar. 2020.

2. MOREIRA, Jéssica. Nós, mulheres da periferia, em 2021. De vizinha para vizinha: a solidariedade periférica feminina. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/nossas-vozes/mulher-como-cabe-tantas-coisas-dentro-dela/> Acesso em: 14 de março de 2021.

Proposta didática

Documento 1

- 1) Quem é a autora do texto?
- 2) Qual a data?
- 3) A partir do nome do site, responda: Quais pessoas você imagina que organizam o site e escrevem matérias como essa?
 - a) De acordo com o documento, que atitudes solidárias as mulheres tiveram durante a pandemia?
- 4) Observe o trecho: “Se você tem de 20 a 30 anos e cresceu na periferia, deve lembrar da sua mãe ou tia saindo para trabalhar enquanto você ficava com as vizinhas, tias ou avós.”
 - a) Partindo dele, você acredita que essa realidade é compartilhada por todas as mulheres? Ou depende de alguma situação específica?
 - b) Essa realidade ainda está presente nos dias atuais?
- 5) A autora relata uma experiência pessoal no texto.
 - a) Você reconhece alguma forma de solidariedade nessa experiência compartilhada? Se sim, qual?
 - b) Para a autora, a solidariedade entre as mulheres periféricas é algo recente relacionado à pandemia?
 - c) As mulheres da sua família praticam a solidariedade com outras mulheres, como vimos no texto?

Documentos 2 e 3

- 6) Leia os documentos e responda as questões:
 - a) Que tipos de documentos são esses?
 - b) Qual a data dos documentos?
 - c) Quais são os projetos citados no texto?
 - d) O que eles fazem?
 - e) Em que região de São Paulo os projetos atuam?
 - f) Qual o autor do documento 3?

- g) Qual a relação do autor do documento 3 com os projetos retratados?
- h) Os documentos apresentam atitudes solidárias? Se sim, quais?
- i) Qual a relação dos documentos com o documento 1?
- j) Você conhece alguma organização comunitária ou pessoas que realizam atividades semelhantes?

Documento 4

- 7) O documento 4 possui 2 textos: Que tipo de documentos são esses?
- 8) Os textos se relacionam com o Movimento do Custo de Vida (MCV), também conhecido como Movimento Contra a Carestia (MCC), considerado um dos maiores movimentos populares dos anos 1970 e 1980, durante a ditadura militar brasileira.
 - a) De acordo com os documentos, quais foram os motivos que deram origem ao movimento?
 - b) Quais são as reivindicações do movimento?
 - c) A partir do segundo texto, quais foram as pessoas que tomaram a iniciativa de organizar o movimento e quando isso aconteceu?

Documento 5

- 9) Quem é a autora do relato?
 - a) Qual a relação da autora com o Movimento do Custo de Vida e com as fotografias presentes no documento?
- 10) Qual a relação das fotografias com o documento 4?
 - a) Onde estavam localizados os Clubes de Mães retratados nas fotos?
 - b) Essas regiões eram consideradas periferias no período? Pesquise.
 - c) Quais as datas desses acontecimentos?
- 11) Segundo o texto, como era a rotina do Clube?
- 12) De acordo com a autora, o que a deixava muito feliz? Por que?
- 13) Relacionando os documentos 4 e 5, por quais motivos os piquetes eram realizados e por que eles eram importantes?
 - a) Você considera os piquetes e manifestações retratados no documento como uma forma de resistir e lutar por algo?
- 14) Como foi possível conhecer essa memória desse movimento?
- 15) É importante estudar a história desses movimentos? Por que?

Documento 6

- 16) Esse texto é um abaixo-assinado.
 - a) Você sabe o que é isso?
 - b) Quem são os autores?
 - c) Qual a data?
 - d) Para quem se destina o abaixo-assinado?
 - e) Por quais motivos esses destinatários foram escolhidos? De que forma podem colaborar?
- 17) O que você entende como sendo “aumento do custo de vida”?
- 18) De acordo com o texto, por que o custo de vida aumentou?
- 19) Qual a definição de custo de vida para o autor?
- 20) Quais os direitos que o autor considera que todos os seres humanos devem ter?
- 21) De que maneira a questão da lavoura, mencionada no quinto parágrafo, se relaciona com o aumento do custo de vida?
- 22) Esse aumento do custo de vida não atingiu a todos da mesma maneira, pois algumas pessoas lucraram com a situação.
 - a) De acordo com o texto, por quais motivos isso aconteceu? Você acha isso justo?
- 23) Atualmente, você nota algum aumento no custo de vida? Se sim, dê um exemplo.
- 24) Você considera o abaixo-assinado uma forma de protesto e resistência?

Documento 7

- 25) Esses textos se relacionam com o Movimento de Saúde da Zona Leste de São Paulo, que surgiu no contexto da ditadura militar.
 - a) De quem são os relatos?
 - b) Quais os problemas apontados nos textos que levaram a organização do movimento?
- 26) Por que a saúde foi escolhida como pauta principal desse movimento?
- 27) O primeiro relato menciona alguns bairros de São Paulo. Pesquise e responda:
 - a) Que lugares são esses?
 - b) Estão localizados no centro ou na periferia da cidade?

c) Há uma relação dessas localidades com a localização dos clubes de mães mencionados no documento 5?

Documento 8

28) Esse relato, aqui considerado como um documento, também é referente ao Movimento de Saúde.

a) A quem pertence o relato?

b) Quais as dificuldades que a pessoa que relata aponta para entrar em contato com o secretário?

c) Ela foi falar com ele sozinha?

29) Retomando o documento 7, responda:

a) O que desejava falar com o secretário?

b) Por que você acha que o secretário desejava se esconder?

c) Você acredita que essa atitude de falar com o secretário foi uma forma de resistência e de luta por melhores condições de saúde?

Documento 9

30) Que tipo de documento é esse?

31) Qual a data do documento?

32) O documento cita a autorização, por parte da Câmara Municipal, da Gratificação de Difícil Acesso. O que essa aprovação significou para o Movimento de Saúde?

a) Quais atitudes o Movimento realizou para alcançar esse direito?

b) Qual a relação desta conquista com as reivindicações e dificuldades enfrentadas pelo Movimento nos documentos 7 e 8?

33) Observe a seção “Próximas atividades” presente no documento e responda:

a) É possível definir o alcance do Movimento a partir das ações propostas?

b) O Movimento estava restrito à escala municipal? Cite exemplos para justificar sua resposta.

34) Retorne aos documentos 7 e 8 para responder: Qual a importância e o papel das mulheres em relação à organização do Movimento de Saúde e às conquistas apontadas no documento 9?

Documento 10

35) As Mães de Maio surgiram no estado de São Paulo após os crimes ocorridos em maio de 2006, sendo formado por mulheres que perderam seus filhos como vítimas da violência policial.

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) Qual a data?
- c) Qual foi o acontecimento relatado no documento?
- d) Onde ele aconteceu?
- e) O documento retrata um tipo de violência. Qual violência é essa e quem foram os responsáveis por praticá-la?
- f) O que fez com que as mães se tornassem ativistas?

Documento 11

36) Leia o documento e responda as questões:

- a) Quem escreveu esse documento?
- b) O que causou imensa dor na autora?
- c) Qual foi sua reação logo após o ocorrido?
- d) Como aconteceu a organização do movimento?

37) Após ler o relato, é possível afirmar que o Estado brasileiro ofereceu algum tipo de resposta para essas mulheres? Justifique sua resposta.

Documento 12

38) Que tipo de documento é esse?

- a) Mesmo inserido em um contexto de democracia, práticas autoritárias permanecem. Que tipo de práticas as mulheres do movimento Mães de Maio denunciam no documento?
- b) A quem ele se destina?
- c) Qual a data?
- d) Quais os motivos apontados que justificam a escolha deste destinatário?
- e) Você acha que o destinatário seria capaz de resolver o problema?
- f) Você considera esse documento uma forma de resistência e reivindicação? Por quê?

39) Fazendo referência aos crimes de 2006, o documento II é finalizado com a seguinte: “Num espaço de uma semana mataram mais de 500 pessoas, jovens pobres e negros das periferias.”

- a) O perfil das pessoas assassinadas mudou do documento II para o documento I2?
- b) Por que você acha que essa população é alvo de violência policial?

Retomando os documentos que foram trabalhados, reflita e responda:

40) A partir dos movimentos citados nos documentos aqui lidos, por que você acha que as mulheres periféricas estão, muitas vezes, à frente da organização de movimentos que reivindicam melhores condições de vida, saúde e segurança?

- a) Há uma relação entre gênero, raça e território que é determinante para a organização de movimentos como esses? Por quê?
- b) Há fatores históricos, políticos, econômicos e/ou sociais que também têm contribuído para a luta dessas mulheres?

41) No documento I, a autora afirma que a solidariedade entre as mulheres periféricas acontece desde sempre. Você percebeu alguma forma de solidariedade feminina nos documentos trabalhados?

- a) Caso tenha notado, elabore uma lista apontando quais foram essas ações e em quais momentos ocorreram.

42) Além da solidariedade, os documentos apresentam diversos movimentos organizados e liderados por mulheres periféricas.

- a) Para melhor sistematizar todas as lutas desenvolvidas pelas mulheres abordadas nos documentos, elabore uma tabela com as formas de resistência e as relacione com seus respectivos movimentos, isto é: Movimento pelo Custo de Vida, Movimento de Saúde e Movimento Mães de Maio.
- b) Partindo da sua realidade, você conhece e/ou convive com mulheres que lutam por melhores condições de vida em seu próprio cotidiano? Se a resposta for positiva, dê exemplos.

Documento 1

De vizinha para vizinha: a solidariedade periférica feminina:

Embora ações de solidariedade tenham aumentado em tempos de pandemia, é importante dizer que as mulheres periféricas sempre se uniram em teias generosas de proteção e ajuda mútua. Leia mais na coluna de Jéssica Moreira.

(...) Hoje, porém, quero falar sobre a solidariedade periférica feminina, que não nasceu hoje, mas foi intensificada em razão da pandemia do novo coronavírus. Já trouxemos aqui as histórias de costureiras periféricas que estão produzindo máscaras de pano para doar ou vender a preços baixos entre seus vizinhos.

Ou então, a história de Luana Vieira, com suas entregas de marmitex no Jardim Miriam, e Luciana Bispo, que disponibiliza cestas básicas no Morro dos Macacos, ambas na zona Sul de SP. Além da criatividade encontrada naquelas que estão produzindo o próprio sabão e distribuindo entre vizinhas e familiares no combate ao vírus.

É importante, no entanto, dizer que esse tipo de solidariedade entre as mulheres não nasceu com a pandemia. Diferente de outros estratos da sociedade, a solidariedade feminina nas margens existe desde sempre.

(...)

As mulheres periféricas sempre se uniram em teias generosas de proteção e ajuda mútua. Se você tem de 20 a 30 anos e cresceu na periferia, deve lembrar da sua mãe ou tia saindo para trabalhar enquanto você ficava com as vizinhas, tias ou avós.

(...)

Aqui em casa, éramos em seis crianças no quintal, sem contar as agregadas. Minha mãe era costureira, saía às 6h da manhã e voltava às 18h da tarde, enquanto era a vó e as tias, alternando-se entre si, que garantiam nosso cuidado.

Ainda são as mães de muitas outras jovens mulheres que fazem esse papel nos dias atuais. ▼



Luana Vieira na ação social de distribuição de alimentação promovida no Jardim Miriam pela UNEafro-Brasil e Pagode na Disciplina. In: MOREIRA, Jéssica. **Nós, mulheres da periferia, 2021. De vizinha para vizinha: a solidariedade periférica feminina.** Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/nossas-vozes/mulher-como-cabe-tantas-coisas-dentro-dela/> Acesso em: 14 de março de 2021.

Documento 2

UM LAR PARA TODOS

Luciana Bispo é líder da ONG Maria&Sininha, e não faz caridade: promove direitos

Formada em Serviço Social, Luciana lidera a Associação Lar Maria & Sininha. O espaço promove oficinas de capoeira, informática, dança, percussão, teatro e também faz doação de cestas básicas. As crianças, adolescentes e famílias encontram abertura para debater ideias, aprender e discutir saúde mental em rodas de conversa. A ideia é estimular que as famílias se organizem e se fortaleçam entre si. E a demanda é alta. Atualmente, mais de 200 famílias são atendidas pela associação localizada no jardim Mata Virgem, no bairro do Eldorado, região de divisa no extremo sul da capital, entre São Paulo e Diadema. [...]

Após o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1989, Aparecida precisou oficializá-lo como abrigo temporário para filhos retirados dos pais por conselheiros tutelares em situação de vulnerabilidade extrema. Era o começo oficial da associação [...]

A ONG não conta com recursos públicos e, no momento, foram desfeitas até parcerias com instituições privadas. As doações vêm de pessoas físicas e são particularmente essenciais durante a pandemia do novo coronavírus. [...]

A associação mantém rodas de conversa sobre assuntos como violência policial, educação dos filhos, racismo, direito das mulheres e qualquer outro incômodo que apareça. Em parceria com a PUC-SP, psicólogos são escalados para ouvi-las desabafar, instruem a lidar com frustrações, medos e anseios.

Marcos Candido, de ECOA, São Paulo

CANDIDO, Marcos. **Um lar para todos**. UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-luciana-bispo/#cover>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

Documento 3

COVID-19 e a sobrevivência nas 24 favelas em torno do Jardim Miriam

Aqui no nosso núcleo atendemos um total de 600 famílias, são famílias que foram cadastradas desde início da pandemia, para assistência em todos pilares que envolvem a doença, entregas de cestas básicas, fraldas, leite, produtos de higiene e até medicamentos. O Jardim Miriam apresenta um número significativo de favelas e as pessoas em situação de rua e pessoas em situação de extrema pobreza têm crescido absurdamente, um bairro cercado por favelas e autoconstruções onde moradores disputam espaço nas calçadas e portas dos locais pedindo comida para sobreviver.

O projeto Agentes Populares de Saúde dentro da nossa comunidade pode salvar vidas, vidas de pessoas que foram paralisadas, trabalho interrompido e sem condições de manter seus familiares com dignidade. Quando penso na relevância do projeto e entre tantas histórias me lembro de Elaine, uma das muitas mães atendidas no núcleo, relata que recebeu auxílio emergencial do governo e diz que a única preocupação dela no contexto de desemprego dela e do seu companheiro era pagar o aluguel e mistura, porque com a cesta básica fornecida pela Uneafro, leite e fralda para a filhinha de 2 anos tem sido uma alívio nas despesas dela.

O Núcleo Pagode Na Disciplina está a 212 dias ininterruptos entregando marmitex aos moradores de rua e pessoas em situação de extrema vulnerabilidade no Jardim Miriam, cerca de 18 mil marmitex até o momento.

Leticia dos Santos. 32 anos, moradora da região do Jardim Miriam, Z/S São Paulo. Estudante de Relações Internacionais, pela Universidade Estácio de Sá. Ativista no projeto de roda de samba Pagode na Disciplina e Agente Popular de Saúde pela Uneafro Brasil. ▼

Luana Vieira. Mãe, nascida e criada na zona sul de São Paulo. Militante, graduada em recursos humanos e graduanda em Direito pela EPD – Escola Paulista de Direito. Gestora executiva do projeto sócio-cultural Comunidade Pagode Na Disciplina Jardim Miriam, e em 2019 foi diretora do documentário “Na Disciplina, samba e cidadania”. No mesmo território, Jd. Miriam, é idealizadora da primeira Biblioteca Comunitária com temáticas raciais. Coordenadora da Uneafro Brasil, articuladora geral na Coalizão Negra por Direitos. Atua no Fórum de Cultura Cidade Ademar, na zona Sul e no Fórum de Cultura das Comunidades de Rodas de Samba e Terreiro do Estado de São Paulo. Membro Estagiária CIR – Comissão Igualdade Racial -SP. Co-autora do Livro “Inovação Ancestral de Mulheres Negras” , lançado em 2018 pela Editora Oralituras, organizado por Bianca Santana . Atualmente, levantando discussões e temas voltados à falta de representatividade mulheres negras em espaços culturais periféricos, sobretudo em rodas de samba.

Disponível em: <https://agentespopularesdesaude.org.br/2020/11/03/covid-19-impacta-periferias-na-zona-sul/>

MONTEIRO, Thiago Nunes “Como pode um povo vivo viver nesta carestia”: O Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973-1982). / Thiago Nunes MONTEIRO ; orientadora Maria Aparecida de AQUINO. - São Paulo, 2015.247 f.

“Nós, donas de casa, cansamos de reclamar com o vendeiro, o açougueiro, o feirante, por causa dos preços que não param de subir [...] Foi aí que a gente percebeu que brigar sozinha não dá certo e nunca se consegue nada. Por isso, em 1973, nos reunimos para ver o que podíamos fazer juntas” - PG.137 (Transcrição de relato oral).

“Depoimento das donas-de-casa no Ato Praça da Sé”, 27/08/1978. Doc. 14, Pasta 29, Caixa 6. Fundo CMZS, CEDEM.

[...] O nosso Clube de Mães
Por muita coisa está lutando
Onde começou o Movimento do Custo de Vida
Quando em reunião íamos pensando?
O Movimento começou
No ano de 1973
Quando a coisa piorou
E o dinheiro sumiu de vez - PG.149

Ata de reunião do dia 31/12/78. Doc. 4, Pasta 22, Caixa 5. Fundo CMZS, CEDEM.

Documento 4



Documento 5

Transcrição do relato oral de Lurdes:

Eu falei aí eu vou pro clube fui convidada pra participar dum clube.(...) Era um barraquinho e padre Luis que dava memo a missa lá, mas foi muito interessante porque o que eu achava interessante no dia de a gente ir, levar a enxada, nossa, isso era uma coisa muito gostosa porque aquelas mulherada trabalhava com muita, muita alegria mesmo quando era pra ir pra rua fazer os piquete na rua a panela vazia e tal nossa pra mim era a maior coisa eu nunca tinha ido assim pra rua pedir, lutar pelas coisa. Era muito mole naquele meio e eu era muito assim agitada eu gostava de ficar na frente tinha de ficar na frente, tinha que ficar na esquina pra parar o carro eu adorava ficar ali, uma bandeira lá e eu dançava, meu Deus do céu, foi muito bom era muito assim agitado. ▼

Glossário

Piquete: Grupo de grevistas geralmente colocados à entrada do local de trabalho que asseguram a execução das instruções de greve; Manifestação.

DINIZ, Carlos Alberto Nogueira. **O PROTAGONISMO DAS MULHERES NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA PERIFERIA: memórias e experiências dos Clubes de Mães da zona sul de São Paulo (1972-1988)**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.



Figura 1 – Clube De Mães Jardim Esther 1977. Fundo Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo. Centro de Documentação e Memória da Unesp (Cedem). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155893/diniz_can_dr_assis_int.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 05 de abril de 2021.



Figura 2 – Reunião do Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo, Vila Remo, 1977. Fonte (Fundo Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo. Centro de Documentação e Memória da Unesp/Cedem). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155893/diniz_can_dr_assis_int.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 05 de abril de 2021.

Documento 6

2º Abaixo-assinado do MCV, com 1.300.000 assinaturas, enviado às autoridades após o ato da Praça da Sé, em 1978

“MOVIMENTO CUSTO DE VIDA

ABAIXO ASSINADO

A S.EXCIA. O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA

AOS EXMOS: SENHORES MINISTROS

ÀS DEMAIS AUTORIDADES

Nós, abaixo-assinados, moradores da Grande São Paulo, resolvemos tomar juntos uma atitude diante das dificuldades que estamos passando.

Hoje em dia, o problema mais sentido por todos é a alta do custo de vida. Isso porque os salários e os pequenos rendimentos do povo sobem pela escada, enquanto o custo de vida está subindo pelo elevador. Com isso, cada vez mais o dinheiro acaba antes do fim do mês, embora todos trabalhem tanto quanto antes ou até mais.

Muitos não ganham o suficiente nem mesmo para uma boa alimentação e muitos em idade escolar são obrigados a trabalhar mais cedo, prejudicando os seus estudos.

Porém, o custo de vida não é apenas o preço da alimentação. É também tudo o que se gasta com problemas de moradia, condução, falta de escolas perto de casa, saúde, falta de água encanada e esgotos, e assim por diante. Além disso, todos nós, como seres humanos, temos direito à recreação, ao descanso, e a tudo que enriquece nossa vida e nossa cultura. E isso custa dinheiro.

Sabemos também que a grande maioria dos que trabalham na lavoura está em dificuldades porque as terras estão passando cada vez mais para as mãos de uns poucos, e o que nelas se planta, em grande parte, não se destina para a nossa alimentação e sim para a exportação, o que encarece ainda mais a nossa vida.

Porém, se essa situação que vivemos é injusta e nos tem prejudicado, existem uns poucos que estão lucrando com isso, e decidindo tudo. Somos nós que construímos o País e por isso temos o direito de melhorar de vida, de ter respeitadas nossas opiniões e de participar nas decisões sobre o que deve ser feito para resolver os problemas que estamos enfrentando. Se a situação chegou a esse ponto é porque nossos direitos não estão sendo respeitados.” ▼

MOVIMENTO CUSTO DE VIDA ABAIXO ASSINADO

A S. EXCIA. O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA
AOS EXMOS: SENHORES MINISTROS
AS DEMAIS AUTORIDADES

Nós, abaixo-assinados, moradores da Grande São Paulo, resolvemos tomar juntos uma atitude diante das dificuldades que estamos passando.

Hoje em dia, o problema mais sentido por todos é a alta do custo de vida. Isso porque os salários e os pequenos rendimentos do povo sobem pela escada, enquanto o custo de vida está subindo pelo elevador. Com isso, cada vez mais o dinheiro acaba antes do fim do mês, embora todos trabalhem tanto quanto antes ou até mais.

Muitos não ganham o suficiente nem mesmo para uma boa alimentação e muitos em idade escolar são obrigados a trabalhar mais cedo, prejudicando os seus estudos.

Porém, o custo de vida não é apenas o preço da alimentação. É também tudo o que se gasta com problemas de moradia, condução, falta de escolas perto de casa, saúde, falta de água encanada e esgotos, e assim por diante. Além disso, todos nós, como seres humanos, temos direito à recreação, ao descanso, e a tudo que enriquece nossa vida e nossa cultura. E isso custa dinheiro.

Sabemos também que a grande maioria dos que trabalham na lavoura está em dificuldades porque as terras estão passando cada vez mais para as mãos de uns poucos, e o que nelas se planta, em grande parte, não se destina para a nossa alimentação e sim para a exportação, o que encarece ainda mais a nossa vida.

Porém, se essa situação que vivemos é injusta e nos tem prejudicado, existem uns poucos que estão lucrando com isso, e decidindo tudo. Somos nós que construímos o País e por isso temos o direito de melhorar de vida, de ter respeitadas nossas opiniões e de participar nas decisões sobre o que deve ser feito para resolver os problemas que estamos enfrentando. Se a situação chegou a esse ponto é porque nossos direitos não estão sendo respeitados.

Glossário

Lavoura: Terra cultivada; agricultura.

MONTEIRO, Thiago William Nunes Gusmão. **Como pode um povo viver nesta carestia: O Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973- 1982)**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015, p. 218. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11032016-132815/publico/2015_ThiagoWilliamNunesGusmaoMonteiro_VCorr.pdf. Acesso em: 09 de mar.de 2021.

Documento 7

Transcrição do relato oral de Justelita: “Eu vou dizer porque eu entrei na luta. Aí então o que acontece, aqui não tinha posto de saúde em canto nenhum, hospital só tinha o grande lá de Guaianases, que tá lá até hoje. São Mateus não tinha nada, não tinha escola, só tinha uma escola no Jardim Nordeste, uma escola de pau, aqui o posto de saúde que tinha era uma casa véia, caindo aos pedaços.” (Justelita) - p. 48.

Transcrição do relato oral de Graça: “(Tinha) várias lutas, mas a primeira mesmo que a gente abraçou foi a saúde.... por que? Porque, ah!, dependia muito da vida, das crianças que ficavam doentes, tinha que ir longe, aqui não tinha táxi, ninguém tinha carro naquela época, todo mundo construindo as casas numa dificuldade louca”. (Graça) - p. 48.

CARIGNATO, L. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 48. 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/cp030751.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2021.

Documento 8

Transcrição do relato oral de Orlanda: “Era difícil (falar com o secretário). Não estou falando pra você que o cara até se escondeu? Mais uma vez eu me lembro, nós fomos conversar com o secretário (...), parece que tinha oito ou nove ônibus e ele não atendeu, falou que não tava, que não tava, falou que ele tava na Assembléia e nós não sabia nem aonde era a Assembléia (...) nós entremos, aquela mulherada lá, ai meu Deus do céu! E ele (secretário) teve que conversar com nós, teve que aceitar, mas muitas vezes, se pudesse se esconder, ele se escondia.” (Orlanda) - p. 88.

CARIGNATO, L. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 88. 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/cp030751.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2021.

Conquista do Movimento



Finalmente a Câmara Municipal aprovou a Gratificação de Dificil Acesso (adicional de distância), que irá possibilitar a ida e permanência dos profissionais de saúde nas Unidades da periferia. Desde 1989, o movimento vem lutando por este adicional, tendo realizado várias caravanas, defendido emenda popular na Câmara Municipal e participado de várias audiências com a Prefeita.

Próximas atividades do Movimento

- 27/07 - Ida de delegados do Movimento de Saúde à Ipatinga/Minas Gerais, para Assembleia Nacional preparatória à Mobilização da Caravana de todos os Movimentos Populares do País à Brasília em novembro/91.
- 03/08 - Ato/Festa da Posse dos Conselheiros
- 20/08 - Concentração na Av. Paulista em Defesa da Municipalização.

Organizem-se em suas regiões para participarem.

Dia 06/07 foi concluída a II Conferência Municipal de Saúde, com expressiva participação dos Movimentos de Saúde, através dos seus delegados.

É importante repetir esta atuação na Conferência Estadual de Saúde que será realizada de 03 a 06 de outubro de 1991.

Municipalização com repasse de verbas estadual e federal



MOVIMENTO DE SAÚDE ZONA LESTE

Reuniões Coordenação: 4ª feiras - 8:30 às 12:00 hs

Local: Sede do Movimento - Rua São João das Duas Barras, 18 - Itaquera

- Telefone: 544-5493

Glossário

Gratificação: Ato ou efeito de gratificar; recompensa que se dá além do pagamento do serviço prestado.

CARIGNATO, L. **Vivências Femininas no Movimento de Saúde da Cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 115. 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/cp030751.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2021.

Documento 10

Os crimes que transformaram mães em ativistas contra a violência policial.

Na noite de 17 de maio de 2006, a aposentada Vera Lúcia Freitas estava em casa com o marido, na periferia de São Vicente (SP), na Baixada Santista, quando ouviu disparos de armas de fogo.

A alguns quarteirões dali, o filho Matheus Andrade de Freitas, de 21 anos, deveria estar em aula. Naquele dia, porém, a escola suspendera atividades após boatos sobre um toque de recolher que deveria ser seguido em todo o Estado de São Paulo. – Na volta para casa, Matheus e amigos pararam em uma pizzaria do bairro, um dos poucos lugares abertos naquela noite.

“Quem estava na pizzaria e conseguiu fugir contou que primeiro passou um carro escuro, de cor difícil de ser definida à noite”, conta Vera. Descrições daquele tipo de carro apareceriam em outras histórias de crimes naquela semana.

“Em seguida surgiram duas motos, com dois homens encapuzados em cada uma, atirando. Primeiro dispararam à queima-roupa no amigo do meu filho, Ricardo. Começou uma correria, as pessoas fugiram para o morro, onde termina o bairro.”

Glossário

Ativista: Que ou quem defende ou pratica algum tipo de ativismo; Que ou quem é membro ativo de um partido, de um agrupamento ou afim.

MODELLI, Laís. Os crimes que transformaram mães em ativistas contra a violência policial. BBC Brasil, São Paulo, 8 de maio de 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160508_maes_maior_lm_tg. Acesso em: 04 de abril de 2021.

Documento 11

“O repórter disse: “Irei ler por etapa, digo, por cidade, a relação dos nomes das vítimas, começando por Santos”. Fiquei ouvindo para ver se conhecia alguém, foi quando chegou no terceiro nome e era o do meu filho. Enlouqueci. Parecia que o mundo tinha desabado em cima de mim. Não acreditava, mas logo veio a confirmação. Sofri muito, mas muito mesmo. Imagine uma mãe receber a notícia da morte de seu filho pelo rádio! Passei alguns dias sem comer, sem dormir, tentava uma explicação: por que fizeram isso? Aconteceu. Era um trabalhador.

Durante 40 dias eu vegetei, acabei me hospitalizando, mais ou menos por 10 dias. Foi quando eu senti ele me dizer: “Mãe se levanta! Seja forte!”. Me levantei mesmo. No dia seguinte recebi alta. Fui pra casa e, passando mais ou menos uma semana, fui à procura das outras mães que tinham perdido seus filhos também. A primeira que eu encontrei foi a Edinalva; depois fomos atrás da Vera; e assim por diante, uma atrás da outra. Aí começou a peregrinação. Ninguém queria saber da nossa dor: delegacias, Ministério Público, veradores... Ninguém. (p. 25)

(...)

Depois de tanto andar pra lá e pra cá, achamos melhor subir para São Paulo em busca de ajuda, sem nem mesmo conhecer o caminho. Eu, Vera e Edinalva encontramos a Ouvidoria (da Polícia) e depois o Condepe (Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo). Quando chegamos ao Condepe encontramos um anjo amigo que nos passou um livro chamado “Crimes de Maio”, foi então que nos deparamos com uma tamanha lista de mortos daqueles dias... Foi então que começamos a acordar daquele pesadelo.

Voltamos as três para casa, lendo e assustadas com tantos jovens mortos, a maioria da mesma forma, do mesmo modo operante. Passamos a articular idas e vidas a São Paulo, pois queríamos explicações sobre o quê de fato tinha ocorrido naqueles dias. Num espaço de uma semana mataram mais de 500 pessoas, jovens pobres e negros das periferias.” (p. 26)

MARIA, Débora. Mães, filhos e família. In: Movimento Mães de Maio (org.). Do luto à luta. Mães de Maio: Fundo Brasil de Direitos Humanos, 2011. p. 24-26. Disponível em: <https://fundobrasil.org.br/wp-content/uploads/2016/07/livro-maes-de-maio.pdf> Acesso em: 26 de mar. de 2020.

Documento 12

Estado de São Paulo, 23 de Julho de 2012

Cara Senhora Presidenta Dilma Vana Rousseff,

Escrevemos daqui de dentro da guerra. Escrevemos neste momento em meio a uma nova onda de violência policial no estado de São Paulo, que já vitimou cerca de 200 pessoas nesses últimos dois meses, sobretudo jovens pobres e negros moradores da periferia, fazendo-nos reviver os Crimes de Maio de 2006. Escrevemos sob esta situação de tensão e de pressão limites, para além de cidadãs paulistas, como cidadãs e cidadãos brasileiros, que temos o direito de recorrer à Presidência quando os agentes e as instâncias estaduais todas insistem em se mostrar surdas e mudas frente a nosso clamor pela vida. E persistem cometendo barbaridades contra a sua própria população. Contra nós.

Não é a primeira vez que recorremos à Presidência da República, embora das vezes anteriores nós não tenhamos recebido ainda qualquer resposta dos Senhores... Ocorre que não podemos esperar mais, porque estamos tratando de milhares de vidas que se foram; de centenas de vidas que poderiam ter sido salvas se algumas das medidas abaixo tivessem sido efetivadas; e de outras tantas que poderão ser poupadas caso alguma atitude seja tomada urgentemente.

(...)

Não se trata de um pedido de favor, mas da exigência de direitos humanos fundamentais que temos como cidadãs e cidadãos brasileiros, como a Senhora e como qualquer outra pessoa nascida por aqui. **Direito à Vida e à mínima Liberdade de Ir e Vir em segurança, sem correremos o risco de morte por agentes de estado simplesmente por nossa origem, classe social ou cor da pele.**

É preciso se tomar atitudes concretas e urgentes, ao preço de novas vidas perdidas caso nada continue a ser feito!

Pelo Direito à Memória, à Verdade e à Justiça: Ontem e Hoje!

A População Pobre e Negra não pode seguir sendo exterminada como subgente! Não somos todos iguais?!

Crimes de Maio Nunca Mais: Paz nas Periferias!

Firmes na Luta,

Mães de Maio da Democracia Brasileira. ▼



Figura 1 - Debora Maria da Silva, Vera Lúcia dos Santos e Rute Fiuza, do Movimento Mães de Maio. SANSÃO, Luiza. 22/02/2017. Disponível em: <https://ponte.org/as-mulheres-sao-o-motor-da-resistencia-diz-diretora-da-anistia-internacional-brasil/>. Acesso em: 25 mar. de 2021.